



SUL-AMERICANO

Organ Litterario e Scientifico

ANNO IV	PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO	ESTADO DE SANTA CATHARINA Florianopolis, 7 de Setembro de 1903	REDACÇÃO RUA TIRADENTES N. 2	NUM. 163
---------	----------------------------------	---	---------------------------------	----------

Expediente

Assignaturas

Semestre	2\$500
Pelo correio	3\$000
Pagamento adiantado.	
Anuncios conforme ajuste	

7 de Setembro

O Brasil, este gigante sul-americano, fadado para os grandes commettimentos, vivia outrora entregue aos caprichos da metropole.

Sujeito ás suas leis, curvado ao pezo do jugo portuguez, mais de tres seculos atravessara, soffrendo as consequencias de ferrenho captiveiro.

Si algum de seus filhos concebia a grandiosa idéa de tornar sua patria independente e livre dos elos que a uniam ao velho reino encravado na península iberica, essa idéa, filha do amor patrio,—era abafada pela força da metropole e condemnado aquelle que a havia concebido.

E foi o que se deu com Tiradentes! Alma talhada para as ingentes luctas do progresso, coração aberto aos grandes sentimentos, subio os degrãos do patibulo por desejar a liberdade do seu caro Brasil, tão novo na existencia e tão velho no soffrimento.

Porém, si Tiradentes morria, si cumpria heroicamente a iniqua sentença lavrada pelas cortes portuguezas, sua grandiosa idéa, plantada no solo fecundo da liberdade, não fenecia porque corações patrioticos abrigavam-na, vivificando-a.

E a idéa crescia, tomando proporções elevadas, até que no dia 7 de Setembro de 1822, o brado ingente de—Independencia ou morte—, acordando os echos das montanhas brasilicas, acordava tambem o gigante da America Meridional para as luctas do progresso e civilisação.

O astro da liberdade, brilhante e vivificador, havia assomado nos horisontes da patria d'aquelle que por ella sacrificara a sua existencia, e os filhos do Brasil, saudando esse astro que lhes sorria, dedicavam-lhe seus cantos, cujos echos festivos iam morrer aos pés do velho throno portuguez.

O Brazil já era livre, e como nação independente tinha que evoluir.

O ardente desejo de Tiradentes, o proto-martyr da nossa Independencia politica, havia-se realisado nas margens do memoravel Ypiranga.

Viva o dia 7 de Setembro!
Viva o Brazil!

O DIA DE HOJE

O Instituto Historico e Geographico, commemorando a Independencia do Brasil, realisará hoje, ás 7 horas da tarde, uma sessão solemne no theatro Alvaro de Carvalho.

Conferencia

(Continuação)

O exclusivismo, pois, é condemnavel. E' preciso que os operarios não desprezem o trabalho intellectual; é preciso tambem que os espiritos cultos não desprezem o trabalho manual.

Os operarios devem-se lembrar de que não haveria sciencia, nem arte, nem lavoura, si não fossem esses chamados ociosos a quem deveros o thermometro, o barometro, a balança hydrostatica, o graphometro, o astrolabio, a bússola, o telescopio, a luneta, a photographia, a typographia, a xylographia, a litographia, o para-raios, a telegraphia electrica, a telephonia, o phonographo, o cinematographo e uma infinidade de machinas a vapor, que poupam o tempo e as forças dos agricultores, dos operarios e dos industriaes.

Mas tambem os espiritos cultos devem-se lembrar de que os sabios nada produziram sem o concurso dos operarios.

Que póde o architecto sem o pedreiro e sem o carpinteiro? Que pódem os homens da theoria sem os homens da pratica? Assim como a theoria sem a pratica é completamente estéril; assim tambem os theoreticos sem o auxilio dos praticos são completamente inuteis. Um escriptor, por exemplo, querendo aproveitar o seu pensamento, precisa de papel, de penna, de tinta, de mesa e de uma cadeira ou de um banco. Mas quem fabrica o papel, a penna, a tinta, a mesa e a cadeira ou banco?

Si a aristocracia do talento, isto é, a aristocracia do trabalho intellectual, é attestada pela «Biblia», pela «Iliada» (de Homero), pela «Eneida» (de Virgilio), pela «Divina Comedia» (de Dante), pela «Jerusalém Libertada» (de Tasso), pelos «Lusiadas» (de Camões), pelo «Paraizo Perdido» (de Milton), pela «Messiada» (de Klopstock), pelo «Colombo» (de Manoel de Araujo Porto-Alegre), pela «Confederação dos Tamoyos» (de Domingos José Gonçalves de Magalhães), pelos «Timbiras» (de Antonio Gonçalves Dias) e por outras obras scientificas, litterarias e artisticas, a nobreza do operario, como bem o demonstrou no OPERARIO o sr. professor José Brazilicio, a nobreza do operario é attestada pelas pyramides do Egypto, pelos jardins suspensos de Babylonia, pelo tumulo de Mausolo, rei da Caria, pelo templo de Diana em Epheso, pela estatua de Jupiter Olympico (de Phidias), pelo colosso de Rhodes, pelo pharol de Alexandria, pelas alvas casarias encimadas de torres elevadissimas, pelos palacios, pelos aqueductos, pelos tunneis, pelos diques, pelas náos gigantescas que atravessam os oceanos!

Já se vê que, assim como o trabalho se divide em trabalho intellectual e trabalho mate-

rial, assim tambem a aristocracia se subdivide em aristocracia do trabalho intellectual, ou aristocracia do trabalho material, na qual está comprehendida a aristocracia do operario.

Esta divisão e esta subdivisão são naturaes; mas que não é natural é que se dividam os aristocratas do trabalho.

E' preciso que os aristocratas do trabalho intellectual se unam com os aristocratas do trabalho material; é preciso que as classes se comprehendam, para que se amem; é preciso que os aristocratas do sangue e do dinheiro se convençam de que fóra do trabalho não ha nobreza e de que a verdadeira aristocracia é a aristocracia do trabalho, quer physico, quer intellectual.

Sim! a verdadeira aristocracia é a aristocracia do trabalho, porque só do trabalho é que resulta a verdadeira gloria!

Que gloria póde advir a um homem pelo simples facto de ser filho de um principe, ou de um fidalgo, ou de um millionario? Que gloria póde advir a um homem que attingiu uma posição elevada pelo dinheiro ou pelo patronato?

Verdadeira gloria teve Henrique Dias, que prestou relevantes serviços por occasião da expulsão dos hollandezes. Esse homem de condição infima, filho de um africano, alcançou o posto de mestre de campo, unicamente pelo esforço proprio.

Verdadeira gloria foi o titulo de «Dom» dado em premio por Philippe 3.º de Portugal e 4.º da Hespanha ao indio Poty, que depois de baptizado se chamou Antonio Philippe Camarão. Esse titulo não significa uma fidalguia embalsamada mas uma fidalguia embalada no berço.

A dignidade de arcebispo constitue uma verdadeira gloria para João Esberard, porque João Esberard, pertencendo a uma familia proletaria, elevou-se unicamente pelo trabalho.

Mas não é preciso sahir deste Estado, onde se póde dizer que não ha outra aristocracia se não a do trabalho.

A commenda de S. Bento de Aviz e o officialato da Imperial Ordem da Rosa constituem uma verdadeira gloria para José da Silva Mafra. E esta gloria é tanto maior quanto é certo que José da Silva Mafra sem fortuna nem protectores assentou praça de soldado na companhia de granadeiros do 3.º regimento de linha.

O titulo de Barão da Laguna constitue uma verdadeira gloria para o seu proprietario; porque não foi obtido pelo dinheiro nem pelo patronato, mas foi obtido unicamente pelo trabalho. E esta gloria é tanto maior quanto é certo que Lamego principiou como simples marinheiro.

A farda de official de marinha constitue uma verdadeira gloria para Trajano de Carvalho. E esta gloria é tanto maior quanto é certo que Trajano de Carvalho começou a trabalhar no restaleiro do finado Wenceslau Martins Costa.

As condecorações com que foi agraciado o arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva também lhe constituem verdadeira gloria, porque o padre Joaquim, como diz o povo, pertencendo a uma familia proletaria, elevou se unicamente pelo trabalho.

A reputação do notavel pintor Victor Meirelles constitue-lhe uma verdadeira gloria, porque foi conquistada unicamente pelo trabalho perseverante.

Tambem são dignos de menção Jeronymo Francisco Coelho, Joaquim Augusto do Livramento e Duarte Paranhos Schutel, cujos diplomas e altos cargos que exerceram não foram obtidos pelo dinheiro nem pelo patronato mas unicamente pelo trabalho.

Tambem é digno de menção João de Souza Coutinho, cujo diploma de "Maestro" foi obtido unicamente pelo esforço proprio.

Continúa

SANTOS DUMONT

No *Atlantique*, deve chegar hoje ao Rio de Janeiro o insigne aeronauta brasileiro Santos Dumont, em honra de quem se preparam grandes festejos.

A federação dos estudantes e a comissão glorificadora de Augusto Severo projectam tambem extraordinaria recepção.

Santos Dumont hospedar-se-ha na casa do dr. José Carlos Rodrigues, redactor-chefe do *Jornal do Commercio*.

Das *Vinte e Quatro Horas*, da *Gazeta de Noticias*:

"Santos Dumont, o arrojado aeronauta brasileiro, vai, segundo os telegrammas hontem publicados, fazer brevemente, com o seu balão n. 10, a primeira viagem aérea com passageiros a seu bordo.

E' quasi chegar ás ultimas consequencias da dirigibilidade dos balões e, alcançado o exito dessa nova tentativa, os ares nunca dantes navegados passarão a fazer, em Pariz, concorrência ao Bois de Boulogne e muita gente poderá preferir dar uma volta pelo céu em aeronave a dal-a a cavallo ou de carro pelas grandes alamedas ou á beira do lago.

E já que as atenções se voltam outra vez para Santos Dumont, tem proposito illustrar esta referencia com uma excavação que nos fornece um colleccionador de jornaes velhos.

O *Reformador*, publicação quinzenal que floresceu no Rio de Janeiro, pelo anno da graça de 1883, vão vinte annos, publicou em sua edição de 4 de agosto o seguinte:

«Manifestação espontanea do espirito de Estevam Montgolfier, recebida em Silveiras, Minas-Geraes, por Ernesto de Castro, em 30 de julho de 1876.

Vencer o espaço com a velocidade de uma bala de artilharia, em um motor que sirva para conduzir o homem, eis o grande problema que será resolvido dentro de pouco tempo.

Essa machina poderosa de conducção não ha de ser uma utopia, não.

O missionario que traz esse aperfeiçoamento á terra já se acha entre nós.

Esse Deus de bondade e de misericórdia que nada concede, antes da hora marcada, deixa primeiramente que seus filhos trabalhem em procura da sabedoria e depois que elle se têm esforçado em descobrir a verdade, ahí então lhes envia um raio de sua luz divina.

Já védes, ó mortaes, que a navegação aerea não será um sonho, não, mas sim uma realidade.

O tempo que vem proximo nos dirá o conhecimento desse estupendo motor.

Brasil, tu que foste o berço dessa grande descoberta, serás, em breve, o paiz escolhido para demonstrar a força dessa grandiosa machina aerea.

Eis o prognostico que vos dou, ó brasileiros.

Dizem os entendidos em coisas da outra vida e em revelações dos que lá se acham, mas voltam a entreter-se com os que ficam esperando vez, que a prophécia refere-se a Santos Dumont, que é mineiro, sendo por isso que Montgolfier appareceu em Minas.

Pantheon Catharinense

XXIII

A. LISBOA FAGUNDES DA SILVA

(CEGO, PROFESSOR DO INSTITUTO *Benjamin Constant*)

ODE

Consagrada á saudosa memoria da Ex^{ma}.
Snra. D. Luiza Alves Nunes, fallecida
na Cidade do Desterro a 10 de Maio
de 1868

Silencio!... que graves notas
O bronze vibrou além,
Que endecha triste e saudosa
Suspira a briza tambem!
Porque do piedoso monge
Ouvem-se as vozes ao longe
De profundis—entoar?
E' que alguém d'entre os humanos
Deixando o mundo de enganos
Vai junto a Deus descansar.

Que vale viver no mundo
Onde tudo é padecer?!
Que vale a terrena gloria
Se o homem tem de morrer?
Que val'er senhor na terra,
E ser Mavoite na guerra,
Ser Cesar?... Napoleão?
Que val', si tudo é poeira
N'esta vida passageira,
Onde tudo é falso e vão?

Sim! tudo, excepto a virtude!
Tudo, excepto a caridade!
Ella só no Universo
Alcança a immortalidade!
O tempo tudo consome,
Menos a gloria e o renome
De quem só pratica o bem...
E essa que o bronze chora,
Por quem hoje o mundo implora,
Deixa maior que ninguem.

N'este mundo de vaidades
A virtude ella adorou:
A' cabeceira do enfermo
Sempre, sem; re ella se achou!
Se lhe chegava aos ouvidos
O triste som dos gemidos
Do infeliz que soffria,
A mitigar suas dôres
Abrandar-lhe os dessabores
D. Luiza corria:

Falle a orphã desvalida
Que por filha ella adoptou:
E a viuva que mendiga
Depois que ella lhe faltou:
E falle tambem a lyra
Do bardo que aqui suspira
Prostrado, abraçando a cruz!
Falle e diga tristemente
Que elle é o cego indigente
Por ella guiado á luz!

Falle ainda aquella ilha,
Onde Deus a fez nascer;
Falle em seu nome sagrado
Que não poderá morrer.
E diga:—Ella era uma santa,
Sua virtude era tanta
Que não se pode igualar!
A malicia ella ignorava,
E ditosa se julgava,
Por saber só perdoar!

Rio de Janeiro, 1874.

TERREMOTO

O professor Rarenzo, de Roma, entrevistado por um jornalista, declarou que até o fim do anno houvera um terremoto que será sentido em todo o mundo.

MUSICA

Do sustenido não é Re bemol

Todos quanto se dedicam á arte musical pelo lado meramente pratico, e portanto alheios á Acustica; essa parte da Physica que se occupa com o estudo dos sons e o das vibrações dos corpos elasticos, e em que se baseia o contraponto ou sciencia da harmonia incorrem em um grave erro todas as vezes que levados pelo simples gosto por esta arte divina, lançam os seus pensamentos sobre a pauta musical.

Estê erro tão vulgar é o de julgarem a mesma coisa e por conseguinte empregal-os indifferentemente, sons que a sciencia chama *enharmonicos*, taes como *do sustenido e re bemol, re sustenido e mi bemol, fa sustenido e sol bemol*, etc.

Um tal julgamento é fundado tão somente nas apparencias, que ainda desta vez illudem.

Estudando os instrumentos de teclado, os sons enharmonicos são obtidos ferindo as mesmas teclas; tocando os de sopro de madeira ou de metal, esses sons são formados pelas mesmas chaves ou pistões; executando sobre os de corda cujos espelhos são providos de trastos, elles são produzidos nos mesmos lugares; e finalmente, sobre os instrumentos de arco ainda elles parecem depender da mesma extensão da corda posta em vibração.

E' por esta circumstancia de obtel-os da mesma maneira que o musico simplesmente instrumentista confunde os.

Nós vamos demonstrar por meio do calculo a differença que ha entre os sons enharmonicos; depois diremos a razão pela qual, apezar dessa differença, elles são dados nas mesmas posições ou lugares nos diversos intrumentos.

São as vibrações regulares dos corpos elasticos que transmittindo se ao ar produzem no nosso ouvido a sensação do som.

Quando essas vibrações são lentas, os sons são graves; elles se tornam agudos á medida que augmenta o numero dellas em um determinado espaço de tempo.

Para medir o numero das vibrações ha varios apparatus de Acustica, taes como a sereia de Cagniard Latour, a roda dentada de Savart, e principalmente o vibroscopo de Duhamel, que por um dispositivo engenhoso traça sobre um papel para esse fim preparado, as vibrações de um estylete fixo sobre um corpo sonoro.

Assim; sempre que uma corda de aço, arame, tripa, uma palheta de madeira ou metal, ou qualquer outro corpo elastico posto em movimento, attingir um determinado numero de vibrações em um tempo dado, elle fará ouvir sempre o mesmo som.

Dadas estas explicações que julgar os necessarias para a boa comprehensão do assumpto de que nos occupamos, vamos passar á parte puramente mathematica

O som representado por uma nota collocada no 2.º espaço da pauta musical, na clave de *Sol*, e a que chamamos *La* é obtido por 435 vibrações completas de qualquer corpo sonoro em cada segundo de tempo. Este som, é o que dá o diapasão, pequeno instrumento de aço bem conhecido de todos.

Para conhecermos o numero de vibrações correspondentes ao *Do*, 3.ª menor acima do mencionado *La*, basta sabermos que este numero deve estar para 435 na razão de $\frac{6}{5}$ que dá 522.

Portanto a nota *Do* que na clave de *Sol* escreve-se sobre o 3.º espaço da pauta, é o producto de 522 vibrações por segundo.

Esta mesma nota affectada de um sustenido exprime um som mais agudo, e o numero das suas vibrações está para as do *Do* natural na razão de $\frac{24}{25}$

o que, feito o calculo, dá 543,75 vibrações.

Passemos agora a ver quantas vibrações terá o *Re* que se acha na distancia de uma segunda maior acima do *Do* natural. Esse intervallo é representado em Acustica pela razão $\frac{9}{8}$ e portanto as vibrações serão 587,25.

Applicando agora um bemol a este mesmo *Re* o som se tornará menos agudo; ficará o numero

das suas vibrações para o *Re* natural na razão de 25. e o numero dessas vibrações será 563,76.

24

Comparando agora o numero de vibrações que produzem o *Do sustenido* com o que achámos para o *Re bemol*, vemos que ha entre elles uma differença de 20 vibrações.

Logo, *Do sustenido* e *Re bemol* não são o mesmo som, e nunca poderão ser confundidos na theoria, porque *Re bemol* é mais agudo do que *Do sustenido*.

O mesmo se pôde dizer ácerca de todos os outros, enarmonicos.

Estes algarismos são talvez um tanto fastidiosos, mas é innegavel a sua eloquencia.

Resta-nos agora explicar a razão pela qual os sons enarmonicos são obtidos da mesma maneira nos instrumentos.

Tratemos do piano, instrumento o mais popularizado.

Se o teclado deste instrumento fosse fabricado de modo a haver uma tecla para cada som natural e accidental (não mettendo em conta o sustenido e o bemol dobrados), elle constaria de nada menos de 148 teclas, em vez das 85, que actualmente contem.

Os outros instrumentos seriam tambem, segundo o seu genero, construidos muito mais complicadamente.

Só os instrumentos de arco e a voz humana, pela sua simplicidade, escapam a essas modificações, pois são aptos por natureza para exprimirem fielmente todos os sons que constituem a escala enarmonica.

Mas a que artificio recorreram os fabricantes para obviarem esses inconvenientes?

Seja ainda o piano a responder-nos.

Como a differença verificada não é em geral muito perceptivel ao ouvido convencionaram ou repetil-a na afinação por todos os grãos da escala de modo a attenual-a, produzindo assim o que elles chamam *temperamento*, e que permite obter-se praticamente sobre a mesma tecla um som com dois nomes diversos, e que rigorosamente não é nem um nem outro.

Isto, porém, não auctorisa a confundil-o na theoria, em que cada um delles tem o seu papel distincto nas tonalidades a que pertencem.

Só nas modulações enarmonicas é que se permite ao compositor tomar um pelo outro, sem trazer confusão aos accordes de que elles fazem parte.

SUFJ JUNIOR

Sonata d'alma

XXXIII

Os jornaes da capital federal deram a noticia da prisão do irmão visitador nestes termos

«Por ordem do dr. chefe de policia foi hontem recolhido á casa da detenção, para averiguações, um frade já velho, vindo de um dos portos do sul, no momento em que deixava o hotel para tomar o trem que partia para Santos.

A inquirição deve ter logar hoje.»

Effectivamente, no dia seguinte ao da prisão, o frade comparecia á secretaria da policia, acompanhado de duas guardas.

Estava visivelmente abatido.

Em toda a sua vida era esta a primeira vez que se achava sob a vigilancia da autoridade.

Em presença desta descobrio se respeitosa e saudando com affabilidade.

O chefe de policia correspondeu ao cumprimento, e, indicando-lhe uma cadeira, disse-lhe:

—Queira sentar-se, rev.

O irmão visitador sentia-se moralmente amesquinhado.

A idéa de estar sob a acção da justiça talvez por uma informação falsa,—acabrunhava-o...

Pensando em José Francisco, dizia consigo mesmo.

—Não tenho duvida alguma. O maroto preparou-me esta cilada. Mas o que teria elle dito da minha pessoa?

E pensava assim, quando o chefe de policia o interrogou:

—De onde vem o rev.?

—Da casa de detenção...

—Não pergunto isso, que de sobejo o sei. Em que porto tomou passagem?

—No de Santa Catharina.

—No de Santa Catharina! ? disse a autoridade com certo entono de admiração.

E depois de breve pausa:

—Tem documentos que provem o que diz?

O frade, abrindo uma carteira, tirou della alguns papeis, entregando-os á autoridade que, examinados detidamente desde logo convenceu-se de que elle era victima de uma intriga.

E, nada dizendo, porque era preciso dissimular, continuou:

—Para onde se destina?

—Para Marselha. Empreendi essa longa viagem para salvar do abyssmo uma alma transviada.

—E' uma acção digna de um bom sacerdote, respondeu o chefe, que diante de si já não via um delinquente

Entretanto—o magistrado precisava desfazer o mau effeito da violencia que tinha commettido, letendo um viajante por simples delação.

E tratando disso travou uma conversação amistososa.

—O rev. é filho de Santa Catharina?

—Sim, sr. dr. Nasci na cidade da Laguna, que, em 1839, cahindo sob o poder dos farrapos, tomou o nome de «Juliana».

—Tenho a fortuna de conhecer sua terra natal. O rev. é conterraneo da valorosa Annita Garibaldi.

—Exactamente, da extraordinaria mulher que attestou perante o mundo sua inexcédivel bravura nos combates em que tomara parte ao lado de seu esposo.

E o chefe de policia foi assim entretendo o frade, até declarar-lhe que estava desimpedido e livre.

O irmão visitador, porém, querendo certificar-se si com effeito a sua detenção fora obra de José Francisco, dirigiu á autoridade esta interrogativa, com toda a meiguice:

—Não podera o dr. fazer-me o obsequio de dizer o motivo porque fui detido?

—Infelizmente a lei m'o veda, rev. Da mesma maneira que o padre não pode revelar, quando devassa a consciencia do penitente, os segredos que lhe são confiados no confesonario, porque as leis da igreja o prohibem, assim tambem não posso, no exercicio de meu cargo, sob pena de graves responsabilidades, dizer-lhe o motivo da sua detenção... Apenas posso adiantar-lhe que houve um *qui-pro-quo*...

—Um *qui-pro-quo*! ? E por isso sou victima de uma violencia?

—Ah! rev. O posto que occupo é de sacrificios e de contrariedades. Muitas vezes, a autoridade para chegar ao pleno conhecimento da verdade, começa pela violencia... O rev. por culto que seja não pode avaliar as agruras inherentes ao meu cargo. Vive em uma outra esphera mais pura, mais calma mais elevada. Posso garantir-lhe que sentir-se-ia si mal occupasse meu po to.

O frade pareceu convencer-se ás palavras do chefe de policia que, tendo de tratar de outros assumptos, estendeu-lhe a mão, dizendo cordialmente:

—Vá em paz, rev^{mo}, vá em paz. Ninguem o incommodará mais.

O leitor deve já ter comprehendido que a prisão do irmão visitador fora obra de José Francisco.

—Mas de que meio lançou mão para chegar ao fim desejado? perguntará talvez.

Vamos explicar isso.

Como sabe—esses dois espiritos se repelliam. Quiz o acaso porém, que ambos navegassem no mesmo vapor.

Esse encontro fez gerar no cerebro de ambos um só pensamento:—a separação. Se iam em missão opposta—não podiam, não deviam viajar juntos.

Para isso cada qual lançou mão de meios differentes: o frade narcotizando José Francisco com o charuto e este denunciando aquelle como gatuano.

José Francisco sabia que a policia do Rio de Janeiro procurava prender um espertalhão, que trajando as vestes de padre, andara na capital federal, angariando donativos para os christãos perseguidos na Armenia.

Esse individuo, que assim explorara a bondade do coração fluminense, tinha seguido para Monvidéo.

Ora, vindo o vapor desse porto e accrescendo a circumstancia de ter o irmão visitador grande semelhança com o referido individuo, fora facil a José Francisco executar o seu plano.

E, quando o frade, acabando de narcotisar o companheiro de viagem, deixava o hotel talvez satisfeito com a cabal execução de seo plano, um guarda o prendia, levando-o para a casa de detenção.

E enquanto essa scena se passava no salão do hotel, José Francisco dormia o profundo somno provocado pelo narcotico.

Despertando horas após e procurando co-ordenar as ideas, tudo comprehendeu e, deixando apressadamente o hotel, ponde alcançar o vapor que já levantava a ancora para ir em demanda da Europa.

José Francisco seguia pois, seu destino, enquanto o frade ficava contrariado no Rio de Janeiro.

C. TAVEIRA

Isolamento

Ma douleur se cache en vain sous une tranquillité apparente.

(LETTRES D'AZA)

Oh! quanto é doce em horas de tristeza
Ouvir na praia a vaga que murmura!
Oh! quanto é doce ahí carpir saudades
Quando succede á tarde a noite escura!

Como é tristonha a voz que o negro mocho
N'esta hora sombria que das furnas,
Das cavernas saindo, ouvir nos deixa
Fazendo-nos lembrar magoas soturnas!

Quão merencorias são, meu Deus! os echos,
Que d'est'alma partidos se misturão
Aos echos do agoireiro mocho horrendo,
E aos das vagas que além tristes murmurão.

Tão só, meo Deus! Tão só, aqui sentado
A' beira deste placido ribeiro!
Tão só... Mas que fazer, se me conforta
A sombra deste lugubre salgueiro?...

Tão só, qual peregrino, que izolado,
Errante, busca os ermos por não ter
Um'alma... alma ditoza, que um sorriso
Lhe dê por compaixão... vendo-o morrer!...

Tudo jáz em silencio! E' muda a terra!
E' a hora do crepusculo!... Oh! que tormento
Da razão se apodera... ai! sinto est'alma
Morrer, meo Deus, morrer no isolamento!

Aqui só vem fagueiras, brandas auras
Reanimar-me as forças já perdidas...
Dar allivio aos tormentos que me cereão
E as minhas afflicções tão desabridas!

De minha cara mãe ellas me lembrão
De quando m'a deixei, doce bafejo,
Que para mim talvez quem sabe? fosse
Eterno adeos expresso nesse beijo!...

Ah! minha doce mãe! se ella soubesse
A dôr que o filho seu supporta agora,
Com fagueiro sorriso ella viria
Acalentar o pranto em que elle chora!

Que tristesa, meo Deus! Ai soffro tanto!
E jovem qual eu sou, na flôr da idade,
Tenho n'alma um volcão que me requeima,
Tenho só uma ideia... a Eternidade!

Oh! por quem és, querida, não me fujas!
Não me deixes morrer na solidão!
Oh! tem pena de mim! Extingue a chamma,
Que me requeima agora o coração!...

JULHO DE 1859.

SILVERIO NUNES DE FARIA

OSWALDO

Este nome parece predestinado para elevar e engrandecer o nosso caro Brazil no dominio das artes e sciencias, sendo a capital do mundo civilizado o campo escolhido para a manifestação de suas conquistas intellectuaes.

Assim é que *Oswaldo de Faria*, um mocinho nosso compatriota, de 16 annos de idade, acaba de descobrir em Paris o importantissimo segredo da transformação das correntes electricas, sendo distinguido honrosamente com uma medalha de merito scientifico pela respectiva municipalidade.

Henrique Oswaldo, tambem nosso compatriota, ganha a palma num concurso musical do *Figaro*, em que tomaram parte numerosos compositores francezes e do mundo inteiro.

E, em breve, *Oswaldo Cruz*, brasileiro tambem, será divulgado nos centros medicos de Paris pelos membros da missão Pasteur, que puderam apreciar o valor dos seus profundos estudos de serumtherapia e bacteriologia.

Bem hajam esses benemeritos da Patria.

NO YPIRANGA

Em voz severa, decidida e forte,
Que ligeira espalhou-se espaço em fóra,
Bradou D. Pedro—Independencia ou morte!
Vendo a fulgir da Patria a nova aurora.

E o brado percorreu, do sul ao norte,
Toda essa extensa região sonora.
Foi como um salve! á bemfazeja sorte,
Erguido alli pela campina outr'ora.

Patria minha adorada e sorridente!
Que o genio d'um futuro refulgente
As azas cruze sobre ti, flammantes!

Desejo-te feliz e gloriada,
Numa divina aureola illuminada,
Braços abertos para a luz, constantes!

R. Lopes

1º. DE MAIO

Quarta-feira, dia em que foi publicado pela folha official a Lei que considera feriado para o nosso Estado, data de 1.º de Maio, a sociedade "União dos Artistas," hasteou a respectiva bandeira e á noite illuminou a fachada do edificio em que tem sua séde.

Quinta-feira, a mesma sociedade collocou na sala de suas sessões um escudo com o numero da dita Lei e a data de sua promulgação.

CREPUSCULO

Tarde de Estio. Pelo Azul rolando
Nuvens alventas d'orlas alouradas
Demandam o rumo Norte similhando
Flocos de gelo em ambulans douradas.

O Sol triste declina avermelhando
A fimbria das montanhas azuladas
Com os ultimos tons pulverisando
Do Mar sereno as aguas socegadas.

O Crepusculo desce... a Terra vòda
Em clamydes de aurigera belleza,
Saudada pelo Angelus que echòda.

Ena Cupola enorme, celestina,
Ao som dos anafis da Natureza
Surge brilhante a Estrella Vespertina.

1903.

MARIA

GREMIO CATHARINENSE

A exma. sra. D. Maria Angelica Vidal teve a gentileza de nos communicar, em attencioso officio, a fundação a 31 do passado, nesta capttal, do Gremio Catharinense, cuja directoria difinitiva ficou assim composta:

Presidente—senòrita Arsinoé A. da Silva; vice presidente—senòrita—Olga Natividade; 1ª secretaria—senòrita Maria Angelica Vidal; 2ª secretaria—senòrita Ruth Veiga; thesoureira—senòrita Maria Othilia Oliveira; oradora—senòrita Virginia da Silva.

Nossos sinceros agradecimentos e muitas felicidades ao novo gremio.

PARNASO

MOTE

O brado de Independencia
por todo o Brazil echòda.

GLOSA

Não mais supporta a existencia
d'esravo, o colosso ingente,
e d'alma solta, potente.
O brado de—Independencia!
E o patriotico grito,
—como no espaço infinito
a voz do trovão,—rebòda!
Fulguram raios de Gloria...
e o hymno da gran victoria
por todo o Brazil echòda!...

BRASILIA SILVA

Depois da grande pendencia
Que em Portugal começou,
Pedro (o Principe) soltou
O brado de Independencia.
Esse brado soberano,
Que atravessou o Oceano
E fez se-abalar Lisboa;
Esse brado altivo, ingente,
Que ainda presentemente
Por todo o Brazil echòda.

A. P.

Dos Andradas á influencia
D. Pedro cedendo um dia
ergue com toda a ufania
—o brado da—Independencia!
Esse brado altivo e forte
que percorre sul e norte
e qu'em Portugal rebòda,
brado—que vale um sol novo
brilhando n'alma do povo
por todo o Brazil echòda!

ERNESTO

De Setembro ao dia sete
Eu me curvo em reverencia,
Vendo o povo que repete
O brado de Independencia.
E fico entusiasmado,
Muito alegre, arrebatado
Nos hymnos que a patria entòda!
O' Independencia ou morte!
O feu brado assim tão forte
Por todo Brazil echòda!

R. L.

Firme, teso, em continencia,
Perante a minha nação
Dá-me ao peito exultação
O brado da Independencia!
E vou tomar bebedeira!
E vou soltar discursaria
Desde a cidade á Lágòda!
Pois um brado de triumpho
N'uma voz grossa de trunfo,
Por todo o Brazil echòda!

RANULPHO

Desejando ser potencia
d'alta, primeira grandeza,
elevaste com firmeza
O brado de Independencia!
E da liberdade aos brilhos
hoje vivem os teus filhos
que te tecem uma coròda!
Porque ergueste orgulhosa
um brado que, ó poderosa,
Por todo o Brazil echòda.

TERENCIO

De casaca e flor no peito,
Em risonha reverencia,
Escuto n'um lindo preito
O brado de Independencia
Mas... entrar não posso em festa,
Nem metter na troça a testa
Com cara faceira e bõa...
O meu bolso está fallido...
E meu grito dolorido
Por todo o Brazil echòda!

MARATIMBA

Para o proximo numero temos o seguinte

MOTE

A' doce feição da brisa
corre a gondola faceira!

Annuncios

AO PUBLICO

Livros em branco e escolares, romances, reguas de borracha e ebano, papel diplomata superior, papel de seda e de côres, cartões de visita e phantasia, participações o que ha de chic, tinta, tinteiros, lapiseiras, (ultima novidade) lapis, ardosias, lapis de massa, notas, facturas, correntes, pennas, tinta para marcar roupa, calcomania, lacre, mata-borrão e muitos outros artigos por preços baratissimos, vende-se no **GABINETE DEMOCRATA**

RUA TIRADENTES N. 2

GERVASIO PEREIRA DA LUZ

A O PUBLICO

A casa da SYRIA chama a attenção de sua respeitavel e numerosa freguezia, para a grande liquidación que está fazendo de artigos proprios para a Estação.

Ninguém deve, pois, munir-se de fazendas e armarinhos sem fazer uma visita á referida casa.

APROVEITEM A PECHINCHA!!

Em frente ao Hotel Brasil

Miguel Bufaraco

DEMOCRATA
Gabinete Typographico

Executa-se com promptidão e esmero todo e qualquer trabalho concernente á arte typographica.

RUA TIRADENTES, 2

Gervasio P. da Luz

A SEM RIVAL

Guarda-chuvas por peças sem competencia vende-se n'A Sem Rival.

Rua Trajano, 11-A

José do Patrocínio Lima

Antiga Casa da Fama

Rua Altino Corrêa, n. 8

FAZENDAS, ARMARINHO E CHAPEOS
Grande variedade de tecidos nacionaes:— riscados de algodão, morins, etc, etc.

Lindo sortimento de pellucias, flanelas e mais artigos para a Estação.

PREÇOS BARATISSIMOS

Verdadeiro Baratilho

JOSE DE SENNA PEREIRA

Rua Altino Correia n. 8, (Canto da Rua Trajano)